

**Brazilian Journal of Forensic Sciences,
Medical Law and Bioethics**

Journal homepage: www.ipebj.com.br/forensicjournal



**Indicadores Não Verbais de Emoções Secundárias:
Identificando Culpa Vergonha e Orgulho**

Non-verbal Signals of Secondary Emotions: Identifying Guilt, Shame and Pride

Rui Mateus Joaquim

Instituto Paulista de Estudos Bioéticos e Jurídicos (IPEBJ), Ribeirão Preto, SP, Brasil

Received 5 April 2020

Resumo. O presente trabalho tem por objetivo apresentar os indicadores não verbais das emoções secundárias culpa, vergonha e nojo revelados nas últimas décadas pela ciência psicológica. Um sinal não verbal pode incluir itens como expressões faciais, posições da cabeça, e comportamentos auto direcionados. Emoções secundárias como culpa, vergonha e orgulho e seus descritos sinais não verbais podem configurar importante fonte de informação em contextos investigativos que envolvam análise de oitivas em depoimentos judiciais fornecendo subsídios para tomada de decisão estratégica e do manejo do processo de investigação de depoimentos. Este artigo traz uma revisão narrativa que descreve três emoções secundárias e seus respectivos indicadores não verbais. Os indicadores não verbais de emoções secundárias em pauta são apresentados de acordo com a conceituação do sistema de codificação da ação facial (FACS) e de recomendações técnicas recomendadas por achados de pesquisa. Culpa, vergonha e orgulho apresentam indicadores não verbais objetivos e distintos de expressividade.

Palavras Chave: Emoções secundárias; Expressão facial da emoção; Comunicação não verbal.

Abstract. The present article aims to present the non-verbal indicators of guilt, shame and disgust – secondary emotions, – revealed in the last decades by psychological science. A non-verbal signal can include items such as facial expressions, head position, and self-directed behaviors. Secondary emotions such as guilt, shame and pride and their described non-verbal cues can be an important source of information in investigations that involve analysis of court hearings in court depositions providing subsidies for strategic decision-making and for handling the deposition investigation process. This article contains a narrative review that describes

three secondary emotions and their non-verbal indicators. Non-verbal indicators of secondary emotions are presented according to the conceptualization of the facial action coding system (FACS) and technical recommendations referenced by the specialized literature. Guilt, shame and pride exhibit non-verbal, objective and distinct indicators of expressiveness.

Keywords: Secondary emotions; Facial expression of emotion; Nonverbal communication.

1. Introdução

Procedimentos de investigação no contexto de oitivas demandam em grande medida técnicas investigativas de observação cuja ênfase descreva um detalhamento de aspectos não verbais do comportamento de depoentes em situações judiciais¹. O conhecimento de indicadores não verbais e estados afetivos e cognitivos possuem importante papel em avaliações periciais de natureza comportamental, sobretudo, porquê tais informações podem ser fundamentais para a identificação de dissimulação e fraudes testemunhais²⁻⁴. A literatura científica internacional no campo das emoções tem descrito a manifestação emocional como um produto tanto da natureza como da cultura⁵. Uma emoção é um estado neuropsicofisiológico imediato que pode ser negativo ou positivo, específico para eventos ambientais ou internos, que interrompem condutas em curso, desencadeando mudanças no raciocínio e comportamento⁶.

O conjunto de emoções humanas tem sido organizado em dois grupos, o das emoções primárias: alegria, tristeza, medo, nojo, raiva e secundárias tais como amor, admiração, gratidão, culpa, vergonha, desprezo, inveja. Emoções primárias tem sido consideradas adaptações evolucionárias de ordem inata e universal. As emoções secundárias (ES), podem ser descritas como respostas *cognitivo/afetivas* expressas em relação as experiências de aprendizagem associadas as emoções primárias. A manifestação de emoções secundárias parece ser o produto combinado de natureza e cultura atuando juntas, tornando às vezes, muito difícil a tarefa de distinção do papel de um ou outro domínio⁷.

Ao contrário das emoções primárias, emoções secundárias manifestam-se mais tardiamente no curso de desenvolvimento ontogenético, e não são necessariamente universais, muito provavelmente devido as diferenças culturais, configurando-as como socialmente construídas. Emoções secundárias constituem importantes moderadores de nossas relações interpessoais. Culpa, vergonha e orgulho são emoções secundárias que têm sido repensadas atualmente como mecanismos que moderam importantes demandas humanas como a necessidade de

pertencimento a um grupo, o que, em nossa história filogenética marca uma importante adaptação evolucionária⁸⁻¹⁰.

Emoções secundárias parecem estar relacionadas a cognições associadas a uma experiência emocional específica, o fruto de uma aprendizagem social. Por exemplo, ao sentir – se com medo, um indivíduo que tenha crescido em um contexto onde o destemor masculino é hipervalorizado, pode sentir vergonha de ter vivenciado e experimentado aquela emoção básica, nutrindo portanto, uma avaliação e um afeto desconfortável, ou seja, uma atribuição de significado negativo, um sentimento negativo relacionado a condição de sentir medo. Assim é possível que sinais não verbais de medo, na forma de unidades de ação específicas¹¹ e outros movimentos expressivos possam estar comunicando muito mais do que apenas uma emoção básica, mas sentimentos socialmente construídos, frutos de suas experiências de aprendizagem, nesse caso, emoções secundárias.

As emoções secundárias são em grande medida causadas por esquemas cognitivos que temos sobre a experiência de certas emoções. Experiências de aprendizagem podem condicionar percepções de que vivenciar certas emoções é algo desqualificante ou indigno, tais como sentir tristeza ser um sinal de “fraqueza” ou a crença de que desfrutar de prazer sexual seja um sinal de conduta imoral e falha de caráter ou ainda, que sentir alegria pela realização de um feito, seja uma atitude soberba e orgulhosa. Nesse sentido, estados afetivos podem funcionar como gatilhos para cognições disfuncionais desencadeadoras de emoções secundárias de valência negativa tais como culpa, ciúmes ou inveja.

Desde a década de 90, estudos tem demonstrado a existência de indicadores não verbais de emoções secundárias¹²⁻¹⁷. Embora atualmente ocorra ampla divulgação de estudos sobre indicadores não verbais de emoções, o grande contingente de pesquisas e de atividades de divulgação científica tem se concentrado no reconhecimento de emoções primárias.

Contudo, alguns estudos tem demonstrado que emoções secundárias também apresentam expressões faciais e comportamentos expressivos típicos que podem ser observados de forma clara e objetiva. A emoção secundária orgulho tem uma expressão não verbal distinta que pode ser reconhecida pelos adultos¹⁴. Hoje sabe-se que crianças também podem identificar a expressão do orgulho e distingui-la das expressões de felicidade e surpresa. As crianças podem reconhecer o orgulho em

níveis acima do acaso aos 4 anos de idade e que tal reconhecimento melhora dos 3 aos 7 anos¹⁸.

A emoção secundária vergonha, é vista como relacionada a um senso global de si mesmo como ruim, deficiente. A vergonha traz uma percepção negativa de si mesmo, tal estado cognitivo/emocional pode levar a evitação ou ao ataque a "acusadores"¹⁹. Evidências demonstraram que Indivíduos míopes, cegos e com deficiências visuais da maioria das culturas também exibem os mesmos comportamentos associados à vergonha em resposta ao fracasso²⁰. No entanto, a cultura parece moderar a resposta de vergonha entre pessoas que enxergam pois nesses casos, a vergonha parece menos pronunciada entre indivíduos de culturas altamente individualista e competitivas como na América do Norte e na Eurásia Ocidental. Tal achado sugere que as expressões comportamentais associadas à vergonha e ao orgulho provavelmente são inatas, mas sua exibição pode ser intencionalmente inibida por alguns indivíduos em função da modelagem cultural²⁰.

A emoção secundária culpa, é uma experiência emocional e cognitiva desconfortável que surge quando alguém sente que fez algo errado. Teoriza-se que a culpa tenha sua função relacionada a moderação de interações sociais. Pessoas costumam afirmar que conseguem reconhecer culpa nas outras, isso indica algum tipo de estímulo discriminativo que comunique o estado de reconhecimento do erro da parte de alguém de forma objetiva. O reconhecimento de erros tende a levar indivíduos conscientes de seus equívocos a emitir comportamentos de ajuda^{17,21}.

2. Métodos

Para levantamento dos dados uma revisão de literatura foi realizada considerando o período entre 1990 e 2020. Os descritores de busca utilizados foram “emoções secundárias”, “expressão facial da emoção”, “Culpa”, “Orgulho”, “vergonha” e “comunicação não verbal do comportamento” realizados nas bases de dados Pubmed e pelo Google acadêmico. Atenderiam os critérios do trabalho apenas artigos que apresentassem uma descrição da expressividade facial das emoções secundárias culpa, vergonha e orgulho. A descrição de indicadores não verbais de cada uma das emoções elencadas apontadas pela literatura está apresentada de acordo com as tabelas apresentadas no tópico resultados.

3. Resultados

Após o levantamento dos achados três tabelas foram organizadas de forma a oferecer uma descrição técnica e objetiva dos principais indicadores não verbais das emoções secundárias culpa, vergonha e tristeza. Tais descritores são apresentados de acordo com a conceituação de comportamentos expressivos da área de comunicação não verbal do comportamento²² e do sistema de codificação da ação facial¹¹.

Tabela 1. Indicadores não verbais de culpa.

CULPA	Unidades de Ação AUs 1+4+10+12+25+26 *
	Padrão Gestual Gesto Manipulador/Adaptador (Toque no pescoço)
	Descritores de Movimentos AU 54 - Cabeça para baixo

Unidades de Ação de Culpa*

Tabela 2. Indicadores não verbais de vergonha.

VERGONHA	Unidades de Ação AU 43 - Fechamento dos olhos - (Relaxamento <i>Levator Palpebrae Superioris</i>) AU 4 - Abaixador da Sobrancelha (<i>Depressor Glabellae, Depressor Supercilli, Currugator</i>).
	Padrão Gestual Gesto Manipulador/Adaptador (Cobrir o rosto ou tocar a testa)
	Descritores de Movimentos AU 54 - Cabeça para baixo AU 64 - Olhos para baixo Ombros estreitados e postura encolhida

* Grupos Musculares das Unidades de Ação na Culpa: AU1 (Frontal, pars medialis); AU4 (Frontal, pars lateralis); AU10 (Depressor Glabellae, Depressor Supercilli, Currugator); AU12 (Major zigomático); AU25 (Depressor Labii, Relaxamento da Mentalis (AU17), Orbicularis Oris); AU 26 (Masseter; Pterigóideo interno e temporal relaxado)

Tabela 3. Indicadores não verbais de orgulho.

ORGULHO	Unidades de Ação
	AU 6 - Criador de Bochechas (<i>Orbicularis oculi, pars orbitalis</i>) AU 12 - Extrator de canto labial (<i>Major zigomático</i>) AU25, 26, 27 - Aberturas de boca em diferentes intensidades
	Padrão Gestual
	Emblemas Braços estendidos em forma de "V" ou cruzados sobre o peito Mãos em punho em postura de comemoração Mãos nos quadris
	Descritores de Movimentos
	Postura ereta e expansiva AU 53 - Cabeça para trás e queixo levemente erguido

4. Discussão

Culpa, vergonha e orgulho são emoções secundárias classificadas como autoconscientes e muito provavelmente podem expressar importantes adaptações de nosso repertório comportamental em termos evolucionários. A culpa pode ter evoluído devido a pressões seletivas de ordem social, visto que sua função está intimamente relacionada a demanda de nossa vida em grupo. Indivíduos capazes de reconhecer seus erros seriam mais confiáveis e teriam maiores oportunidades de reconciliação com seus pares¹⁷. Assim, uma função positiva da culpa reside no fato de que pessoas que tenham cometido erros, estando autoconscientes dos equívocos cometidos, parecem emitir em sequência comportamentos de ajuda, e parecem manifestar uma redução de seus preconceitos. Pessoas que já tenham cometido erros semelhantes ao das pessoas que observam ou julgam, tendem a demonstrar maior tolerância e leniência por estas^{17,21,23}.

O reconhecimento de indicadores não verbais de sentimentos de culpa em contextos de oitiva pode ser uma importante informação para o manejo da entrevista, uma vez que abordagens não acusatórias e baseadas em empatia podem se beneficiar do fato de que a presença da emoção culpa possa antecipar um estado de colaboração genuína no levantamento de novas informações importantes referentes ao caso investigado em questão. Demonstrar culpa, constitui uma forma do cérebro comunicar o reconhecimento de um erro cometido, o que em termos de convivência

em grupo acaba por ser um sinalizador importante da possibilidade de correção e reabilitação em muitos aspectos, influenciando, por exemplo, decisões de jurados e juízes²⁴. Além disso a presença de indicadores não verbais de emoções secundárias pode deflagrar conteúdos importantes que estejam adjacentes aos tratados durante a oitiva, mas que não vem à tona durante a entrevista, informação que pode reorientar o curso da investigação e dos questionamentos realizados.

A expressão corporal típica de vergonha é marcada pelo movimento da cabeça e olhos voltados para baixo, ombros encolhidos e estreitados e são respostas exibidas mediante a falhas cometidas. Tal padrão tem sido documentado em diferentes culturas inclusive por indivíduos cegos, o que indica que tais movimentos expressivos não podem ser atribuídos a outra expressão emocional negativa, o que configura uma evidência da probabilidade de sua natureza inata e universal^{16,20,25}. É possível que a vergonha tenha sua origem em uma antiga forma expressiva de exibição de comportamento submisso. Tal expressão no curso do tempo pode ter passado a ser ritualizada na forma de comportamentos indicadores de vergonha para uma função secundária: comunicar de forma não verbal a consciência de alguma inadequação ou quebra de regra ou violação, dessa forma, o indivíduo pode manter sua reputação ao assossegurar espectadores que observam o seu fracasso comunicando que é alguém honrado e confiável que embora desconfortável compreende e aceita as normas e regras sociais a que está submetido^{26,27}.

Orgulho e vergonha parecem ser o melhor exemplo da teoria da antítese de Charles Darwin²⁸, apresentada em seu clássico livro "*A expressão das emoções nos homens e nos animais*". A ideia é a de que emoções distintas e opostas experimentadas pelo cérebro produzirão diferentes padrões de expressividade corporal. Ao contrário da vergonha, cujos gatilhos são contextos de falha e fracasso para o indivíduo, indicadores não verbais de orgulho estão associados situações de vitória, dominância, segurança e alto status social²⁰. Uma expressão prototípica do orgulho incluiria um sorriso pequeno e cabeça levemente inclinada (aproximadamente 20 graus) para trás, postura expandida com os braços e as mãos nos quadris¹⁴. Diferente das emoções básicas outros elementos como postura ou posição de braços são necessários para o reconhecimento de orgulho²⁰, o que muito provavelmente também deve se aplicar para outras emoções secundárias e não meramente a classificação das unidades de ação musculares expressas, como ocorre com as emoções básicas.

5. Considerações Finais

Culpa, vergonha e orgulho apresentam indicadores não verbais objetivos e distintos de expressividade. O estudo das emoções secundárias apresenta-se como demanda fundamental para a compreensão de indicadores não verbais de estados afetivos humanos, o que contribuirá para o refinamento de técnicas de observação e registro comportamental no contexto das ciências forenses, sobretudo no que tange a oitivas, testemunhos e delações. A dimensão não verbal nas declarações podem deflagrar pistas fundamentais para o esclarecimento e o enfrentamento de crimes contra a administração da justiça.

Referências

1. Joaquim, RM. Neuropsicologia forense e detecção de mentiras: enfrentando os crimes contra a administração da justiça. 1. ed. São Paulo: Pearson Clinical Brasil, 2019. v. 1. 416 p. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.1.74>
2. De Paulo B. Lindsay, J. J. Malone, B. E. Muhlenbruck, L. Charlton, K. Cooper, H. Cues to deception. Psychological Bulletin Copyright 2003 by the American Psychological Association, (2003) Vol. 129, No. 1, 74–118
3. Ekman P. Telling Lies: clues to deceit in the marketplace, politics, and marriage. Nova York. W.W.W Norton & Company (2002)
4. Mann S, Vrij A, Bull R. Suspects, lies, and videotape: An analysis of authentic high-stake liars. Law and Human Behavior, (2002). 26(3), 365–376. <https://doi.org/10.1023/A:1015332606792>
5. Ekman P. What Scientists Who Study Emotion Agree About. Perspectives on Psychological Science, 11(1), (2016). 31-34. <https://doi.org/10.1177/1745691615596992>
6. Gazzaniga M, Heatherton T, Halpern D. Ciência Psicológica). 5º Ed. – Artmed (2018) Porto Alegre – RS.
7. Barrett LF, Mesquita B, Ochsner KN, Gross JJ. The experience of emotion. Annual Review of Psychology, (2007) 58, 373-403. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.58.110405.085709>
8. Hultz S, Opie C, Atkinson Q. Evolução gradual da socialidade estável em primatas. Nature, (2011) 479, 219–222. <https://doi.org/10.1038/nature10601>
9. Pinker S. The better angels of our nature: the decline of violence in history and its causes. London, Pinguin UK (2011).
10. Boyd R, Richerson PJ. Culture and the evolution of human cooperation. Philosophical transactions of the Royal Society of London. Series B, Biological sciences, (2009) 364(1533), 3281–3288. <https://doi.org/10.1098/rstb.2009.0134>

11. Ekman P, Friesen W. Facial Action Coding System: A Technique for the Measurement of Facial Movement. Consulting Psychologists Press (1978) Palo Alto <https://doi.org/10.2307/1131351>
12. Lewis M, Alessandri SM, Sullivan MW. Differences in shame and pride as a function of children's gender and task difficulty. *Child Dev.* (1992); 63:630–638. <https://doi.org/10.2307/1131351>
13. Keltner D. Signs of appeasement: Evidence for the distinct displays of embarrassment, amusement, and shame. *Journal of Personality and Social Psychology*, (1995). 68(3), 441–454. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.68.3.441>
14. Tracy JL, Robins RW. Show your pride: evidence for a discrete emotion expression. *Psychol Sci.* (2004) Mar;15(3):194-7. <https://doi.org/10.1111/j.0956-7976.2004.01503008.x>
15. Tracy JL, Robins RW, Schriber RA. Development of a FACS verified set of basic and self-conscious emotion expressions. *Emotion*, (2009). 9(4), 554. <https://doi.org/10.1037/a0015766>
16. Jason M, Tracy JL, Azim FS. Status signals: Adaptive benefits of displaying and observing the nonverbal expressions of pride and shame, *Cognition and Emotion*, (2012) 26:3, 390-406. <https://doi.org/10.1080/02699931.2011.645281>
17. Julle-Danière E, Whitehouse J, Mielke A, Vrij A, Gustafsson, E, Micheletta, J, Waller, B. M. Are there non-verbal signals of guilt? *PLoS One.* 2020 Apr 24;15(4):e0231756. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0231756>
18. Tracy JL, Robins RW, Lagattuta KH. Can children recognize pride? *Emotion.* (2005) Sep;5(3):251-7. <https://doi.org/10.1037/1528-3542.5.3.251>
19. Zaslav MR. Shame-related states of mind in psychotherapy. *The Journal of psychotherapy practice and research* (1998)
20. Tracy JL, Matsumoto D. The spontaneous expression of pride and shame: Evidence for biologically innate nonverbal displays. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, (2008) 105(33),11655–11660. <https://doi.org/10.1073/pnas.0802686105>
21. Vaish A. The prosocial functions of early social emotions: the case of guilt. *Current opinion in psychology* (2018) 20: 25–29. <https://doi.org/10.1016/j.copsy.2017.08.008>
22. Knapp ML, HALL JA. A comunicação não verbal na interação humana. JSN Editora (1999) São Paulo.
23. Amodio DM, Devine PG, Harmon-Jones E. A dynamic model of guilt implications for motivation and self-regulation in the context of prejudice. *Psychological Science* (2007) 18: 524–530. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.2007.01933.x>
24. Weisman MR. Showing remorse: Law and the social control of emotion: Ashgate Publishing, Ltd. (2014)

25. Izard CE. Human emotions. New-York: Plenum Press (1977). <https://doi.org/10.1007/978-1-4899-2209-0>
26. Keltner D, Buswell BN, Young R. Appeasement in human emotion, personality, and social practice. *Aggress Behav* (1997) 23:359–374. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1098-2337\(1997\)23:5<359::AID-AB5>3.0.CO;2-D](https://doi.org/10.1002/(SICI)1098-2337(1997)23:5<359::AID-AB5>3.0.CO;2-D)
27. Fessler DMT. In *The Self-Conscious Emotions: Theory and Research*, eds Tracy JL, Robins RW, Tangney JP (Guilford, New York) (2007) pp 174–193.
28. Darwin C. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras. (2000). (Trabalho original publicado em 1872).